

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

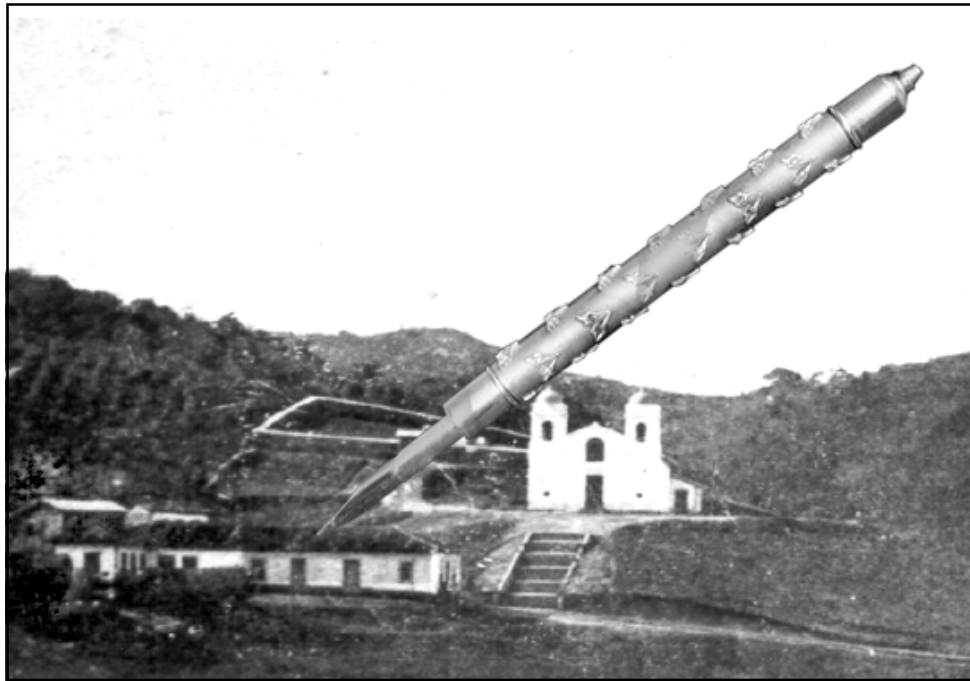
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JUNHO/2001- ANO V - Nº 53

EDITORIAL

Cumprindo a Lei Orgânica do Município, em seu artigo 215, a cidade comemora seus 110 Anos. 'O ESTAFETA' regozija-se com a população e autoridades ao festejar esta data e tributa-lhes, ao ensejo desta efeméride, votos de prosperidade.

Nossa cidade caracteriza-se, desde os primórdios de sua existência, por uma ocupação urbana espontânea calcada na ação de latifundiários, que separavam parte de suas terras para transformá-las em loteamentos, ora fruto da necessidade de auferir lucros com as terras inférteis, ora para pagamento de promessas para o santo de devoção. O desenvolvimento das vilas e cidades no Brasil aconteceu de forma intuitiva. Não obedeceu a um plano urbanístico, mesmo porque não havia com que se preocupar. A abundância de espaços vazios e de recursos naturais era mais que suficiente para agüentar o volume do assentamento populacional por dezenas de anos. A cidade tinha uma função secundária na vida das pessoas, uma vez que a maior parte da população vivia e trabalhava no campo. Com a crise do café, no final do século XIX, houve uma inversão de ocupação do solo. Ocorre o êxodo rural. Neste período a vila do Piquete começa a crescer acompanhando o eixo do ribeirão Bemfica, ocupação instintiva e natural. Após os anos 40, a cidade começa a ocupar as encostas frágeis, sem planejamento e com falta de infra-estrutura básica para sustentar o crescimento. Não se contou com a percepção das autoridades para as conseqüências desse crescimento desordenado: poluição ambiental de proporções assustadoras, afogamento de nosso rio por dejetos, falta de tratamento do esgoto, desmatamento criminoso de nossas encostas e depredação de nossos mananciais. Os problemas que a cidade enfrenta hoje são decorrentes da falta de ações no passado. A população, por meio de seus representantes e poderes instituídos, terá que buscar as alternativas. É necessário planejar para curto, médio e longo prazos. Vamos comemorar o aniversário da cidade, mas não nos esqueçamos de que há muito a se fazer.



Caneta com que foi assinada a ata de instalação da Vila Vieira do Piquete, em 1891. Na foto, a Câmara e Paço Municipal. Ao fundo, antiga matriz de São Miguel Arcanjo.

Conjunção de Astros

Quem, durante muitos anos, estuda no mesmo estabelecimento de ensino; quem tem larga folha de serviços prestados a uma instituição; quem trabalha em uma empresa por extensa faixa de tempo tem oportunidade de verificar que progresso e decadência não ocorrem por força de destino, sorte, azar calamidade ou catástrofe.

Como na ficção destinada às crianças, o progresso ou a decadência poderiam ser contados assim: era uma vez uma pessoa que se juntou a outras pessoas. Depois, tudo mudou para melhor. Ou, depois, veio o caos.

Esta é a nossa conjunção de astros. Astros são pessoas que decidem a vida da vizinhança, das empresas, das instituições, das nações, da humanidade.

Pensemos Piquete em seu primeiro aniversário do novo milênio.

Tivemos uma eleição democrática com muitos candidatos, com farta discussão de idéias e planos para a cidade.

Foi uma festa cívica. Eu observava tudo com a alegria de um Helder Câmara: "Se discordas de mim, tu me enriqueces". Quem discorda acorda. Quem discorda não deixa errar. Quem discorda abre novos caminhos.

Empossados os vencedores, Piquete está na mão dos astros.

Conjunção. Que pessoas vão se juntar para edificar o progresso; para engatar a cidade no comboio da saúde, da educação, do pleno emprego, de desenvolvimento sustentável? Ou para colocar arame farpado em todas as saídas a fim de que a cidade não encontre o caminho que os candidatos diziam conhecer; para que o povo tenha de mandar goela abaixo as suas esperanças?

Não são astros apenas os que ocupam cargos públicos.

Conjunção. Que pessoas vão se juntar para cumprir as leis, para exigir providências dos poderes constituídos, para fazer triunfar o voluntariado, frutificar a justiça? Ou para deixar de pagar impostos, para desmatar as nascentes, para contaminar a água, para cuidar de interesses mesquinhos em vez de buscar o bem de todos?

O bom de nossa astronomia é que não precisamos de telescópio, nem mesmo de uma lente especial, para alcançar estes conglomerados.

A olhos nus, ou apenas com os óculos que corrigem nossos defeitos de visão ou nossa vista cansada, podemos contemplar os astros.

Atrelemo-nos às conjunções que querem o bem da cidade.

Parabéns, Piquete! Bons augúrios.

Abigayl Léa da Silva

Imagem - Memória



Foto arquivo Pro-Memória

Grupo em excursão ao Pico dos Marins, em junho de 1951. Em primeiro plano, o Sr. Carlos Vieira Soares.

Escalada dos Marins

Os dias claros e frios desta época do ano são propícios para que os amantes da natureza pratiquem o montanhismo, principalmente durante as férias de inverno.

A Mantiqueira, com seus inúmeros picos, é uma ótima opção de lazer para os que buscam emoções fortes e paisagens exuberantes. Em Piquete, destacam-se os Marins, com 2422m, visto de diferentes pontos do Vale do Paraíba. Com suas cristas ásperas e sulcos profusndos, ele adquire, conforme a hora do dia, diferentes nuances de azul, variando do transparente ao escuro. Invariavelmente, os visitantes que cruzam o Vale do Paraíba têm seus olhos direcionados para os Marins e por ele são seduzidos. Nasce daí um desejo incontido de escalá-lo. Assim, desde tempos remotos, ele tem sido objeto de desejo de muitos aventureiros. Não se sabe precisar quem foi o primeiro homem a colocar os pés no seu topo. Temos certeza de que o Sr. Carlos Vieira Soares é um de seus maiores divulgadores e defensores. Ele foi um dos pioneiros em escalada ao pico, nos tempos em que o acesso à sua base era uma grande aventura. Desde menino namorava a pedra e tencionava galgá-la. A única notícia que tinha de escaladas anteriores foi a que vários oficiais da Fábrica de

Pólvoras sem Fumaça e alguns operários haviam feito em 1926: Maj. Nestor Silva, Ten. Manoel Novaes, Antônio de Pinho, Benedito Costa, José Alves Filho e outros.

Em 13 de junho de 1942, após preparativos, Carlos Vieira e Manoel Pinto de Miranda partiram para a aventura. Chegaram até a barreira dos Marins, mas foram dissuadidos da idéia pelo barrereiro Sr. Arlindo, que os aconselhou a não tentar a escalada, devido ao mau tempo. Nos anos subseqüentes, tentou, sem sucesso. Finalmente, a conquista do pico aconteceu em 24 de junho de 1944. Dessa excursão, além do Carlos Vieira, participaram seu irmão João Vieira Soares e José Gomes de Siqueira. No dia 23 chegaram ao bairro dos Marins, onde pernottaram na residência do Sr. José Carlos Rodrigues. Pela madrugada, guiado pelo seu filho João Batista, foram, a cavalo, até o morro do Careca, onde deixaram os animais e partiram a pé. No local onde nasce o rio Passa Quatro, encontraram uma placa de bronze de 20x30cm com a gravação: *Pico dos Marins – 2422m. Excursão feita aos 1º e 2 de fevereiro de 1915, pelos seguintes senhores: Ten. Faustino C. Gomes, Aspirante Amilcar V. Pederneiras, Aspirante Antônio Alencastro Guimarães, M. Henry James Simis, da Associação Cristã de Moços*

e umas praças da 5ª Cia. de Metralhadoras. Atingiram o topo ao meio dia. De lá descortinaram uma das mais belas vistas do Vale do Paraíba: de Resende a Taubaté, o Vale aos seus pés e, à frente, a Serra do Mar. Carlos Vieira nem por sonho pensou que estava sendo um dos pioneiros que, com essa despretençiosa escalada, abria a “era Marins”. A partir de então, passou a ser guia e a levar excursionistas de diferentes lugares até o topo da pedra. Fez isso por 50 anos, ajudando muitos a concretizar seus sonhos, divulgando a Mantiqueira e suas belezas, o Marins e, principalmente, Piquete.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:
José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino G. Dias Júnior

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Juracy Faury

No mês do aniversário de Piquete, "O ESTAFETA" presta homenagem ao ex-prefeito Juracy Faury.

Nascido em Cruzeiro a 19 de agosto de 1920, veio para Piquete, em 1942, "...para guarnecer a Fábrica Presidente Vargas..." como pracinha, durante a 2ª Guerra.

Juracy Faury iniciou os estudos em Cruzeiro. Lá, antes de concluir o curso de Contabilidade, foi engraxate, proprietário de loja de móveis e trabalhou na Rede Mineira de Viação.

Em Piquete, além do serviço militar, lecionava, à noite, Matemática e Contabilidade na Escola Industrial.

Fez parte, junto com Hélio Fábio Di Domênico, Ludovico L. Mollica, José Geraldo Evangelista e Miguel Kruse Médice, da estruturação do Aprendizado, que originou a Escola Industrial. Lembra-se das dificuldades por que passou para cumprir a tarefa de levar os documentos necessários para o registro da Escola no MEC, na cidade do Rio de Janeiro. "A viagem era longa e cansativa". Orgulha-se de ter participado desse importante avanço na área da educação em Piquete.

Juracy Faury morou na "república da polonesa", recém-relembada pelo prof. José Geraldo Evangelista em crônica deste informativo, junto com os outros "pracinhas-professores".

Após a dispensa do Exército, em 1945, continuou a lecionar. Paralelamente trabalhava na Cooperativa Escolar, arrecadando fundos para os professores e funcionários.

Em 1946 casou-se com Fernanda Eunice Batista, companheira até hoje. Tem duas filhas, das quais ressalta a competência profissional e cultura, valores que sempre cultivou.

O interesse pela educação levou-o a cursar a Escola Normal Livre Duque de Caxias, da qual foi aluno da 1ª turma. Lembra-se, emocionado, dos colegas Chico Máximo, Dóli de Castro Ferreira, Luiz Gonçalves e outros.



Em 1955, motivado por sua preocupação social, filiou-se ao PTB e concorreu ao cargo de prefeito. Venceu com uma diferença de 32 votos em relação ao segundo colocado.

Do mandato, orgulha-se de ter sido o prefeito que mais se preocupou com o saneamento básico do município. O esgoto é uma obra muito importante para a cidade, mas não aparece politicamente... isso não me importava". Outras obras suas são o início do calçamento, com paralelepípedos fornecidos pela pedreira da Fábrica, a construção do Mercado Municipal e de quatro casas à beira da rodovia Lorena- Itajubá, formando a vila de funcionários da Prefeitura.

Findo o mandato, Faury continuou na educação, até a aposentadoria, como diretor.

Em 1961, pensando na educação dos filhos, mudou-se para Campinas, onde mora. Mantém, no entanto, em nossa cidade, o escritório de Contabilidade, aberto em 1944, que o traz semanalmente a Piquete, "de onde não consegue se separar..."

Almoço em homenagem ao então prefeito de Piquete, Sr. Juracy Faury (ao fundo, à esquerda) e vereadores, no dia 5 de janeiro de 1958.



Instalação e posse da 1ª Intendência da Vila Vieira do Piquete

Ao ensejo do 110º Aniversário de Emancipação Político-Administrativa de Piquete, "O ESTAFETA" transcreve, *ipsis literis*, a notícia que relata a instalação e posse da 1ª Intendência da Vila Vieira do Piquete, publicada no Jornal Gazetinha, nº 459, Ano VI, Guaratinguetá, em 21 de junho de 1891:

"No dia 15 do corrente mez, teve lugar a instalação desta Villa, e, em seguida realisou-se a posse de sua Intendencia, cuja posse fôra dada pela Intendencia de Lorena, tendo lugar em seguida a eleição de Presidente e Vice-Presidente sendo eleito para aquelle cargo o sr. comd. Custodio Vieira, e, para este o cidadão Carlos Bittencourt.

Desde a vespera d'aquelle dia que a nova Villa vestiu-se de galas e o povo freneticamente saudava o illustre presidente do Estado, sr. dr. Americo Braziliense.

Ruas arborisadas, aqui e ali arcos de folhagem, musica que fazia ouvir alegres e festivos concertos, centenas de foguetes que rebentavam de momento à momento: tudo isto simbolisava o contentamento popular.

No Paço da Intendencia, no referido dia, foi servido um lauto jantar, no correr do qual foram brindados os valentes propugnadores do progresso da Villa, os srs. comdr. Custodio Vieira, Carlos Bittencourt e tent. José Mariano Ribeiro da Silva.

A acta da sessão de Intendencia foi assinada com uma rica pena de ouro que terminada as cerimônias da posse, foi pelo Presidente comdr. Custodio Vieira offerecida ao tent. José Mariano Ribeiro da Silva, por ter sido elle um dos mais fortes collaboradores para a elevação da Villa.

O professor Adolpho Rios proferiu um discurso analogo ao acto.

Durante as noite das festas, todas as casas se iluminaram, e, animadas soirées tiveram lugar.

A missa solemne daquelle dia foi celebrada pelo revdm. sr. conego Castro, de Silveiras, e, cantada pelas gentis e galantes jovens as exmas. sras. d. d. Maria Francisca Bittencourt, Minervina Bittencourt, Ricardina Bittencourt, Maria de Castro, Mariana da Silva e Maria Eufrasia que se encarregou da regencia no harmonium.

Houve dois botequins á disposição do povo, nos quaes foram servidos muitos doces e muitas bebidas.

Os srs. comdr. Custodio Vieira, tent. José Mariano e outros cidadãos se encarregaram de hospedar os convidados, e todos com a prodigalidade e cavalheirismo conhecidos prenderam a todos pela attenção e urbanidade.

Concluindo esta noticia, elevamos uma entusiastica saudação ao eminente paulista e illustre democrata dr. Americo Braziliense, presidente do grandioso Estado de S. Paulo".

A presença europeia na Fábrica de Piquete

Si vis pacem, par bellum¹

Um capítulo rico de referências na história da Fábrica foi a presença de técnicos estrangeiros na organização dos sistemas de produção. As máquinas importadas exigiam mão-de-obra especializada, gerenciamento e organicidade, cujas linhas mestras tinham seus postos avançados na Inglaterra, Alemanha, Hungria e em grande parte dos países industrializados da Europa. As contínuas guerras modernas haviam exigido desses países um aperfeiçoamento nas técnicas de produção de armas, utilização da pólvora para fins militares e, por decorrência, além da balística, da mecânica e das indústrias químicas, o aproveitamento dos derivados em diferentes especificidades.

As próprias guerras mundiais do século XX na Europa favoreceram a formação de levias migratórias.

Portanto, foi-nos importante entrevistar o Sr. Geza Arbocz, húngaro de nascimento, em visita a Piquete, onde, como técnico de Turismo, interessa-se por colocar nossa cidade em sugestivo roteiro, cujo eixo foi dado pela indústria de material bélico constitutiva de uma experiência de trabalho multinacional coordenada pelo Ministério da Guerra e pelo Exército Nacional. A natureza pródiga e a herança cultural representam dois arcos privilegiados cuja visibilidade tornada evidente poderá tomar-se, pelo processo participativo da comunidade e integrativo regional, elemento de apoio e funcionalidade.

Geza Arbocz, um dos cinco filhos de Miklos Arbocz, um major do exército húngaro e Katalin Schaftling, migrou com seus pais para o Brasil em 1950. Casado com uma piquetense, tem interesse em colher dados sobre a presença húngara em nossa cidade no período da instalação das novas fábricas de pólvora de base dupla a partir de 1939. O grupo se instalou por aqui entre 1940 a 1944. Muitos desses encontravam-se no país a partir de 1935 quando, por via naval, conseguiram sair do seu país de origem, no prenúncio de uma guerra que ameaçava se alastrar e instabilizar as frágeis fronteiras de nações cujos territórios compunham o antigo império austro-húngaro. Provinham de indústria química instalada em complexo fabril da região do lago Balaton.

A família Arbocz, embarcada no paquete Campana, partiu do porto de Marselha (França) a 30-11-1950 e via Mediterrâneo, Gibraltar e Atlântico Sul, após tocar Dacar, na África Ocidental, atingiu o Rio de Janeiro na data de 15-12-1950.

Não fora sem grandes dificuldades que esses movimentos se fizeram. Afinal, o Major Arbocz estivera deslocado com suas tropas nas frentes de guerra, enquanto sua esposa, com os filhos, buscava em diferentes meios de transportes e perigos, alcançá-lo. O grupo familiar pôde contar com a ajuda de sistemas de apoio a refugiados, e, depois de permanecer em campos especializados para esses fins, conseguiu por meio do IRO, (International Refugees Organization), organizar-se para a viagem ao Brasil. Os migrantes saíam à busca de novas oportunidades, ameaçados que se sentiam pela expansão do sistema socialista organizado pelos russos. Estes compunham, pelo lado oriental da Europa, as tropas

aliadas às do setor ocidental do continente, vitoriosos ao final. A URSS, em organização, e expansiva, era uma ameaça, principalmente para os habitantes dos países da Europa Oriental, dada a proximidade geográfica, mas também cultural e étnica.

Os húngaros na fábrica de Piquete

Segundo informações de nosso entrevistado, os húngaros em questão estavam chegando ao Brasil desde 1935. Sediados no Rio de Janeiro e em busca de terras para se instalar e atividades, e sendo provindos de área industrial, tornaram-se interessantes para a Fábrica de Explosivos de Piquete. E nesse caso particular, os especializados na indústria química. Um grupo formado por 20 famílias aqui se instalou a partir de 1940, quando o estabelecimento estava sob a direção técnica do tenente-coronel Waldemar Brito de Aquino e a produção da pólvora de base dupla era seu principal interesse. A alta hierarquia militar preocupava-se com a necessidade de obter explosivo de maior potência. Para realizar essa fabricação exigiam-se não somente conhecimentos técnicos especializados, mas também cuidados necessários para “reduzir a um mínimo possível os riscos decorrentes de sua elaboração”.

Ao vencer a concorrência respectiva, importante firma húngara de Budapest² começou, desde logo, os serviços de fornecimento das máquinas indispensáveis e demais instalações que lhe foram incumbidos. Daí ser fundamental a contratação dos serviços dos húngaros. Contratados pelo Ministério da Guerra, vieram os técnicos húngaros e aqui trabalharam por cerca de 4 anos, ao lado de austríacos, poloneses, alemães e outros. O momento era de ruptura relativamente aos modos tradicionais de produção. Ensaio produzido pelo Ten. Cel. Waldemar Brito de Aquino³ revela que o trotil já estava sendo superado; portanto, seria necessária uma tecnologia mais avançada.

Escrevendo sobre as “Deficiências do Trotil”, o diretor técnico documenta, ao lado das especificações técnicas, os problemas da obtenção da matéria-prima, o toluol, além da potência e da brisança do trotil, os

derivados, condições de uso, resistência e insalubridade na produção. Apresenta um arrolamento das vitimizações e entre elas, o registro de duas fatais. A intoxicação provocada pelas poeiras e gases emanados dessa fabricação era, sobremaneira, perigosa.

A utilização de modernos explosivos pela balística alemã e empregados nos torpedos e minas submarinas na guerra suscitaram o interesse em obter maior potencialidade na produção bélica brasileira.

Pergunta o articulista ao final: “Estará a era do trotil desaparecendo, como já aconteceu com a pólvora negra, o algodão pólvora e o ácido pícrico?”

Em meados do século passado, no Laboratório Experimental da Fábrica, um ativo grupo de estudiosos elaborava referências de pesquisas e, entre estes, destacava-se a figura do técnico balístico alemão Rodolfo Schommmler. O gabinete de estudos foi importante referente das marcas da busca do progresso científico. Artigos e resultados eram publicados nos anuários do estabelecimento.

Finalmente, nosso entrevistado tornou-nos possível avaliar a importância do aporte das técnicas trazidas pelos húngaros. Para os militares brasileiros a questão primordial era a posição-chave do Brasil nas rotas marítimas e aéreas do Atlântico Sul, em consideração da extensão considerável do território, da posição geográfica e da necessidade de guardar as extensas fronteiras marítimas e terrestres. Não menos importante a evidência de uma proposta de liderança do país no sub-continente americano. Tratava-se de um período em que as guerras ampliadas e suas armas convencionais, tornaram-se paradigmáticas para, no século XX, frente aos interesses do espaço vital, reconhecer nas linhas de limites, a definição dos Estados-Nação e as heranças dos imperialismos. **Dóli de Castro Ferreira**

Entrevista realizada em 26-02-2001.

⁽¹⁾ Tradução da frase em latim: *Se deseja a paz, faça a guerra.* ⁽²⁾ Nome da firma húngara: *Nitrokénia Ipartelepek Rt.* ⁽³⁾ AQUINO, Ten. Cel. Waldemar Brito de – *Deficiência do Trotil – algumas considerações.* In *Anuário da Fábrica de Piquete de 1939.* P. 43-58.

Vista parcial da Fábrica, quando da construção da “Base Dupla”, pelos húngaros.



Foto arquivo Pro-Memória



Vista parcial da Serra da Mantiqueira. Em primeiro plano, a cidade de Piquete. Foto de Frank Ferrer Sene que faz parte da exposição fotográfica “Um Olhar sobre a Mantiqueira”, em cartaz no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”.

Um olhar sobre a Mantiqueira

Sempre foi grande a relação entre o homem e a Mantiqueira.

O termo Mantiqueira tem origem na toponímia geográfica tupi. Advém do primitivo “Amantiquira”, composto de “amântikir – a chuva goteja, ou cai aos pingos, alusão à constância das chuvas sob o dorso dessa cordilheira”.

Anichada nos contrafortes desta serra, a cidade de Piquete mantém com ela íntima relação. Banhada pela luz de outono, adquire um brilho especial em junho, mês em que se comemora seu aniversário.

Nossa paisagem causa forte impressão em todos que visitam o Município – são tomados por um deslumbramento frente à gigantesca muralha que os cerca. Dos diversos picos que compõem o maciço da Mantiqueira sobressai o Marins, com suas cristas e profundas depressões. São poucos os lugares do país em que observamos um desnível tão acentuado, quase 2000 metros.

O impacto que a Mantiqueira nos causa é o mesmo que sofreram os viajantes no século XVII, quando, tomados pela febre do ouro, a transpuseram.

Visto desde Taubaté, o Marins sinalizava como atalaia para os bandeirantes paulistas que buscavam terras mineiras, a garganta do Embaú, passagem natural que Fernão Dias Paes, André de Leão, Miguel Garcia Velho e tantos outros sertanistas cruzaram, ganhando as terras dos goitacazes.

A origem histórica de Piquete remonta a estas eras, quando o taubateano Miguel Garcia Velho, no início do setecentos, à frente

de uma bandeira, transpôs a garganta do Embaú e, deixando o caminho já conhecido, cruzou à esquerda, na altura de Passa Quatro, em direção ao planalto do Capivari, passou por detrás dos Marins, vindo faiscar em ribeirões na vertente da Mantiqueira, onde descobriu pintas de ouro nas imediações do “Córrego Alegre” e nas proximidades da Cachoeira do rio Santo Antônio (Itajubá). Neste local, fundou o arraial de Nossa Senhora da Soledade de Itajubá.

O difícil acesso ao vale do Paraíba, para abastecer de víveres o arraial aurífero, fez com que fosse aberto, em 1741, um caminho que partia da Freguesia da Piedade, cortando a região em que se localiza Piquete, até o alto da serra. Esse caminho ficou conhecido como “Caminho da serra do Itajubá” ou “Caminho de Minas”.

Historicamente, a primeira vez que o nome Mantiqueira aparece impresso é no opúsculo de Antonil, “Cultura e Opulência do Brasil”, publicado em Lisboa, em 1711. Esta obra dá um roteiro minucioso da estrada de São Paulo até Vila Rica, com detalhes topográficos e permite identificar quase todas as localidades mencionadas.

“De Guaratinguetá até o porto de Guaipacaré, aonde ficão as roças de Bento Rodrigues, dois dias até o jantar. (...). Destas roças até o pé da serra afamada de Amantiquira, pelas cinco serras muito altas, que parecem os primeiros morros, que o ouro tem no caminho, para que não cheguem lá os mineiros, gastam-se três dias até o jantar(...).”

Nos mapas do século XVIII, tanto de Minas como de São Paulo, o nome Serra da Mantiqueira é dado a essas montanhas que servem de limite na demarcação das duas Capitanias de São Paulo e Minas. Quando da confecção dos primeiros mapas em que aparece o nome Mantiqueira (1765 – 1767), a serra era cortada por três estradas que, do litoral, davam ingresso na capitania de Minas Gerais. Eram estas a estrada do Rio de Janeiro, pelo vale do Paraíba, para Barbacena; de Guaratinguetá para São João Del Rei, e de São Paulo para o vale do Sapucaí, passando por Atibaia. O caminho que passa por Piquete, aberto em 1741 por Lázaro Fernandes, bem como o Registro de Itajubá, instalado em 1764, na vertente paulista da Mantiqueira, aparece nos mapas a partir de então.

O ouro logo esgotou. Por esse caminho ocorreu o intercâmbio de produtos valeparaibanos e sul-mineiros. As florestas foram sendo retiradas dos vales e encostas suaves. A ocupação humana próxima ao posto fiscal deu origem ao Bairro do Piquete. No início do oitocentos, o café chegou ao sopé da Mantiqueira. A terra se enfraqueceu, o solo se esgotou, a produção foi reduzida e o café marchou para o oeste. Veio o gado a ocupar os morros e a agravar a erosão. Hoje, Piquete volta-se para a serra, contempla-a com outros olhos e vislumbra nas suas belezas o turismo sustentado, como alternativa para seu desenvolvimento. **A.C.**

Vista do Pico da Meia-Lua, em Piquete



Vista do Pico dos Marins, em Piquete.



Detalhe da Mantiqueira.





O Cap. Monte e alunos do Aprendizado Industrial em frente à escola, onde moravam, anteriormente, os húngaros que vieram para a construção da fábrica de “Base Dupla”. Foto do início dos anos 40.

O aprendizado industrial

Nas atribuições que o Major Monte deu aos “pracinhas-professores”, couberam-me algumas aulas de Português, História e Geografia. Além de atividades extra-curriculares.

A excepcional competência, o grande entusiasmo e a fina dedicação do Maj. Monte levaram à criação do “Círculo da Juventude de Piquete”, incumbido de todo trabalho que não fosse o das salas de aula. Um deles, logo no início, foi o nascimento do Centro Cívico, que me foi entregue. Como a formação integral dos adolescentes, em que todos nós estávamos empenhados, exigia cuidar da cidadania dos futuros cidadãos, o Centro Cívico promovia, todos os sábados uma formação geral dos alunos, na frente do que era o parque zoológico, em que havia o hasteamento da Bandeira, o canto do Hino Nacional e uma pequena palestra do orientador, sempre comentando um fato da história nacional. A esta pequena solenidade, nunca faltava o Cel. Waldemar Brito de Aquino, Diretor da Fábrica e grande estimulador do nascente Aprendizado.

Tais palestras eram depois comentadas pelos alunos em sessão ordinária do Centro, que promovia outras atividades, como o “Tribunal do Júri”, quando iam a julgamento, sempre com um juiz, um atacante e um defensor, temas como “A mentira”, o “Jogo”, a “Bebida” e outros.

O “Círculo da Juventude Piquetense” foi o criador da biblioteca da escola e promovia muitas atividades recreativas, fazendo os

estudantes se prenderem à sua escola e, precebia-se, a bem amá-la.

Seria cansar os leitores lembrar a formação da fanfarra, as excursões, os trabalhos dos estudantes dissertando sobre uma enorme variedade de temas e até um jornalzinho.

E a rapaziada assistia com atenção às aulas de cultura geral e trabalhava com afinco nas oficinas de cultura técnica, que, além da inicial Mecânica, logo contava com as de Marcenaria e de Tipografia.

Se a organização fundamental era do SENAI, todas estas atividades enriqueciam o currículo escolar e foi tudo isto que trouxe a Piquete o famoso e conhecido Prof. Lourenço Filho, Diretor do Departamento Nacional de Educação, que queria ver o funcionamento de uma “escola nova”, que ele estudara em sua “Introdução ao Estudo da Escola Nova”, mostrando sua possibilidade.

Todo este trabalho feito com amor pelos “pracinhas-professores”, quase tão jovens como seus alunos, sem nenhuma remuneração financeira além do seu soldo de soldados, teve dupla recompensa: para eles mesmos, que aprenderam a trabalhar com dignidade e para toda uma brilhante geração de piquetenses.

E até um aprendizado agrícola nasceu dele, como veremos em outra crônica. Por último, não é preciso bendizer sempre os nomes do Major José Pompeu Monte e do Cel. Waldemar Brito de Aquino? **José Geraldo Evangelista.**

Crônicas Pitorescas

Retorno

Palmyro Masiero

O machado corta a lenha, a faca corta o pão, o serrote corta a madeira, a motosserra corta a floresta, armas de fogo cortam a vida, o barco corta o mar, a ressaca corta o barato, o ciumento corta o namoro, os patrões cortam os empregos e o governo corta a luz. E isto com anúncio pomposo pela TV. Inédito, progredimos pra trás, para os lampiões.

Depois de batalhas para conseguir uma geladeira, um “freezer”, um microondas, computador, fogão elétrico, máquina de lavar, ferro elétrico e coisitas mais, desliga-se tudo. De longe, admire o quê a custo foi adquirido e sinta como você progrediu. Tem tudo isso, o que não pode é ser utilizado. Se não obedecer às normas, pague a conta de luz, o que ultrapassou, mais a multa pelo excesso, e tenha a energia cortada. Dá para sentir que o velho lema estará sempre presente em nosso cotidiano, como um carrapato: “País do futuro”. E vem aí o apagão. Que beleza! Você vai ver que “nosso céu tem mais estrelas” como já notou Gonçalves Dias, com muita propriedade, claro, no escuro.

Nós, aqui em Piquete, já tivemos um apagão que durou uns seis meses. Como nossa luz vinha da “Usica de Binas”, desculpe, Usina de Bicas, houve um desmoronamento na barragem, creio que qualquer coisa como tromba d’água, e ficamos às escuras. E olhe que não sentimos falta feia. Se a velha memória não nos trair, aconteceu na década de 40. Não consigo precisar o ano, o que também não vai influenciar em nada.

À primeira vista pode parecer aos atuais que foi uma calamidade essa falta de luz. Nem tanto. Aparelho eletrônico não existia. Fogão era a lenha ou, poucos, “econômico”. Geladeira, quem possuía, se é que alguém tinha, parecia um mastodonte branco. Televisão, nem pensar. O cinema do Quiti fechou as portas.

Uma coisa, entretanto, abalou a cidade. Mais especificamente as donas de casa. A falta do rádio. As famosas radionovelas eram as tele de hoje. E, salvo engano, a Rádio Tupi estava levando ao ar a mais famosa de todos os tempos, “O Direito de Nascer”, de Félix Caine. Aquele dramalhão em que o Albertinho Limonta, criado pela Mamãe Dolores, tem um amor proibido com Isabel Cristina. Gente! Aquilo estremeceu os alicerces estruturais do cotidiano das noveleiras. Muitas, que podiam, passavam as noites em casa de parentes em Lorena, para não perder um capítulo. Não me lembro que caminhoneiro tinha rádio na boléia, não sei se no painel ou ligado na bateria, que ressoava altissonante na Praça da Bandeira, repleta de ouvintes, que enchavam o chão de lágrimas.

Fora isso, era só lanterna concorrendo com vagalumes nas ruas. Após certo tempo, todos enxergávamos no escuro. Por isso ninguém morreu. A diferença é que tudo aconteceu por um acidente na represa, e agora por um desastre de incompetência governamental.

Revezamento de parturiente não vai resolver porque a luz é outra.



**A Fundação Christiano Rosa
parabeniza os poderes constituídos e
o povo piquetense pela passagem do
110º aniversário de emancipação
político-administrativa de Piquete.**



Vista de Piquete e de parte da Serra da Mantiqueira, em que se observa o crescimento desordenado da cidade ao longo do Vale do Benfica, subindo as encostas irregularmente.

Foto arquivo Pro-Memória

Plano Diretor – Manual de Orientação

(continuação do número anterior)

No número anterior, tratamos sobre “O que é uma cidade?”, “O que é um Município?”, “Como melhorar a cidade?”, “Com que ferramentas podemos contar?”: são perguntas que nos fornecem o conceito de cidadania urbana. Agora entraremos numa outra etapa que irá tratar especificamente sobre como se elabora um Plano Diretor. Então vejamos:

Para que serve o Plano Diretor?

O Plano Diretor é um dos instrumentos usados para a melhoria da cidade. Como toda ferramenta, deve ser adequada ao uso e a quem a usa: não pode ser grande nem pequena demais para a realidade em cada caso.

Se o plano for excessivamente grande ou complexo, ou pequeno e insuficiente para resolver problemas, será inadequado para a cidade a que se destina e para a Prefeitura que precisa dele.

O Plano Diretor, quando adequado, serve para orientar todas as organizações privadas e os cidadãos sobre o futuro de sua cidade; serve para programar as obras dos órgãos públicos, mormente da Prefeitura; serve para preparar e executar o orçamento da Prefeitura; serve para que os programas de ação da Prefeitura tenham consistência e objetivos compreensíveis para toda a população, recebendo seu apoio ou sua crítica, o que permite a revisão periódica do Plano; garante, também, em boa medida, a continuidade de ações de melhoria da cidade quando um Prefeito é substituído. O Plano Diretor nos diz para onde convém que a cidade cresça, quais as principais linhas de infra-estrutura a prever, quais os serviços públicos a aperfeiçoar. O Plano Diretor ordena propostas de melhoria da cidade, permite o seu debate, fornece transparência sobre as ações da Prefeitura e propõe um futuro para a cidade.

O que é um Plano Diretor?

É um instrumento para melhorar a vida da cidade. É uma ferramenta para o desenvolvimento urbano, pois desenvolvimento não significa apenas o crescimento econômico, mas também mais justiça na distribuição dos frutos desse crescimento, melhor qualidade de vida e um ambiente urbano mais digno. O Plano Diretor é apenas um instrumento, algo que é útil se for adequado aos problemas da cidade e se for bem usado pela Prefeitura e cidadãos.

Por isso não se pode esperar milagres de um Plano Diretor; a cidade não fica, de repente, perfeita, só porque elaborou e aprovou seu Plano. Mas, seguramente, ela passa a ter uma boa ferramenta para melhorar.

Um bom Plano pode criar muita novidade e atender a muitas exigências, mas sempre dá margem para escolha de prioridades. O Plano faz propostas que abrangem prazos e, dentro destes, a Prefeitura e a Câmara sempre poderão, a curto prazo, dar prioridade às propostas que consideram mais urgentes ou mais de acordo com suas posições e compromissos políticos.

A vantagem de ter um Plano Diretor é que todos os cidadãos e organizações ficam informados da situação e das alternativas de futuro e, assim, podem participar, apoiando ou criticando, com conhecimento e consciência, as divisões da Prefeitura.

Vejamos agora quais os passos, tarefas e elementos básicos de uma Plano.

Que dados devem ser coletados?

Inicialmente, é preciso conhecer a realidade coletando dados: é preciso ter um mapa do município e, em escala maior, um mapa da cidade-sede (no nosso caso, do perímetro urbano). Sobre estes mapas e em quadros, gráficos, tabelas e textos, é preciso registrar os dados básicos existentes nas zonas rural e urbana.

Na zona rural deve-se registrar: o uso do solo atualmente permitido por lei, a utilização efetiva do solo, a localização das reservas florestais e de zonas de preservação de mananciais e cursos d’água, as áreas cultivadas, com pastos ativos ou com florestas de produção ou extrativismo regular, os núcleos urbanos, as estradas, caminhos, linhas de energia elétrica, sub-estações e rede de iluminação e fornecimento de energia, depósitos de lixo, agro-indústrias, sítios, armazéns, matadouros etc. Devem ser assinaladas as vias panorâmicas, pontos de observação de vistas bonitas, pontos de lazer, campismo, cachoeiras e lugares de interesse histórico.

Na zona urbana: sistema viário, edifícios elevados, torres de comunicações, conjuntos habitacionais, favelas, cortiços, principais equipamentos / hospitais, postos de saúde, escolas, estádios, supermercados, cemitérios, praças, igrejas, principais edifícios administrativos, prédios de interesse histórico e/ou cultural, rios, córregos, várzeas, áreas afetadas por inundações, pontos com vistas bonitas etc.

De modo especial, registrar a infra-estrutura existente, sub-estações de linhas de eletrificação, adução e distribuição de água, coleta e tratamento de esgoto etc.

Além desses dados mapeados, é preciso levantar dados sobre a população: número total, divisão segundo sua origem, sexo e idade, além do número de bancos escolares, leitos hospitalares e da rede hoteleira, metros quadrados de áreas verde e destinadas ao lazer, veículos de transporte coletivo, particulares, número de empregados em indústria, comércio e administração e de estabelecimentos de comerciais.

Se faltarem dados cadastrados, deve-se partir para observações diretas.

Como compreender os dados coletados?

Coletar dados é necessário, porém, não é suficiente. O que se almeja é compreender a cidade e a dinâmica urbana.

Se conseguirmos dados por meio de séries históricas (um mesmo dado para uma sequência de anos), poderemos perceber em que sentido a cidade tem se movido, se a atividade agrícola cresce ou decresce, se a cidade cresce em extensão ou se verticaliza, em que direção se expande a mancha urbana, se a relação equipamento e população melhorou ou piorou, e com que velocidade.

A compreensão da dinâmica urbana pode ser captada mediante entrevistas qualificadas ou por meio de pesquisas de opinião.

Quem manda na cidade?

A dinâmica urbana é igualmente comandada por agentes de transformação que devem ser identificados: grandes proprietários de terras, gerentes bancários, lideranças políticas, instituições governamentais, empresários imobiliários, associações.

Cada agente persegue interesses próprios e pode haver conflitos entre alguns desses interesses e o bem comum.

Para identificar os agentes de transformação urbana é preciso, também, aprender o papel da sociedade civil, organizada em movimentos sociais que formam a opinião pública e pressionam decisões governamentais, entre eles os grupos ambientalistas, defensores dos direitos das mulheres e da criança e outras organizações locais.

O próximo passo é o diagnóstico.

(continua no próximo número)

Arq. Ana Maria de Gouvêa.



Pico dos Marins

O brasão de armas de nosso Município mostra o perfil da serra, a cujos pés ergue-se a cidade. Ao centro, sobressai o Pico dos Marins, principal acidente geográfico da região, todo de ouro, lembrando a epopéia dos bandeirantes, que cruzaram a serra em busca das riquezas das terras dos goitacazes.

Piquete mantém forte relação com a Mantiqueira e, após séculos de desmatamento e ocupação desordenada de nossas encostas, uma exposição fotográfica convida-nos a lançar “Um

olhar sobre a Mantiqueira”. A população valeparaibana e sul-mineira, aos poucos, conscientiza-se da importância ecológica dessa cordilheira.

Visitando esta mostra, fazemos uma viagem sinestésica através das lentes do jovem fotógrafo Frank Ferrer Sene e dos textos da Profa. Dóli de Castro Ferreira, ao “lugar onde nascem as águas”, um dos pontos mais elevados de todo o leste do continente sul-americano, detentor de belas paisagens.

Venha! Observe! Delicie-se! Viaje!

Marins I

*Imerso em luzes,
o Marins reflete sua pujança.
Um gigante forte moldou-lhe as formas.
Luzes vespertinas suavizam-lhe
as arestas...*

Dóli de Castro Ferreira

Marins II

*Há luz porque há sombras.
Há sombras porque há luz.
Em trocas de posições,
Revelam-se. Complementam-se.
Celebaram.*

Dóli de Castro Ferreira

Notas da Cidade

As escolas de Piquete comemoraram o Dia Mundial do Meio Ambiente – 5 de Junho – com uma passeata que culminou com um grande encontro na Praça da Bandeira. Alunos de todas as idades desfilaram pela cidade com faixas alusivas à data, pleiteando maiores cuidados com nosso planeta.

A ASSTROCAP estará promovendo, no dia 23-06, na Casa do Tropeiro, uma série de eventos visando à valorização de brincadeiras e folguedos tradicionais, como peteca, corda, peão etc. Às 18h, fará o levantamento do mastro de Santo Antônio, São João e São Pedro, acendimento de fogueira, reza do terço, eleição da Rainha do Tropeiro. O evento constará também de apresentação de violeiros da cidade. A “Casa do Tropeiro”, reinaugurada dia 15-06, está toda decorada e iluminada para a ocasião. Participem!

A Câmara Municipal de Piquete promoveu, nos dias 30 e 31 de maio e 1º de junho, o IV Forum de Debates sobre Meio Ambiente. Foram proferidas várias palestras: a Equipe de Desenvolvimento Urbano da Caixa Econômica Federal, apresentou o tema “Coleta de Lixo Seletiva”; o Deputado Estadual Carlinhos de Almeida falou sobre “Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável” e a Deputada Federal Ângela Guadagnim, sobre “O uso racional da Água”. Com a participação de alunos das escolas, o evento chamou a atenção dos munícipes.

A Caixa Econômica Federal de Piquete, promoveu de 1º a 13 de junho, em sua agência, à rua Comendador Custódio, a Exposição Fotográfica “Piquete: a cidade, a família e os amigos de Oswaldo Peixoto”.

Aniversário

Celso Colombo

A festiva mesa está pronta. Ao redor dela, vozes alegres, tilintar de copos, apertar de mãos e abraços. Ao centro, um aniversariante alegre, radiante, sorriso nas orelhas; tudo que fala e faz é uma alegria só. Para ele, palavras de incentivo, muita saúde, prosperidade, conquistas e votos de contínuas felicidades. Em outro lugar, um grupo de pessoas, igualmente ao redor de uma grande mesa, com olhos fixos sobre o aniversariante e papéis e planilhas, arquitetam meios para lhe dar saúde, cultura e educação, lazer e turismo, ruas limpas e comércio organizado. O aniversariante, diga-se de passagem, há dez anos rompeu a barreira dos cem anos. E, fazê-lo sentir as emoções de um aniversariante não está sendo tarefa das mais fáceis. Os convidados, com olhos atentos sobre seu perfil, constataam que sua saúde está comprometida em função de desacertos nas políticas governamentais e de descaso por parte de muitos que o rodearam em anos anteriores. Para agravar um pouco mais seu quadro de saúde, as radiografias mostram que a água que lhe foi servida por muitos anos flui por artérias e veias entupidas e corroídas pela prevaricação. Quanto à educação e cultura, verificam que o aniversariante vive do passado, quando uma poderosa e fértil fábrica de explosivos a impulsionava para a formação técnica de qualidade. Constatam também que o mesmo está com os braços e pernas atrofiados, porque há bom tempo está afastado dos gramadas e das quadras esportivas. Apenas o passado o estimula e faz com que suas pernas se distendam e suas mãos se unam como em um gesto de prece.

Neste momento de relaxamento, sua mente visualiza a falta de posicionamento pró-ativo de muitos convidados, em ações que poderiam revitalizá-lo e modernizá-lo. E isso o deixa um tanto quanto triste. Os convidados, ainda espalhados ao redor da mesa, em voz alta, discutem todos os problema, fazem diagnósticos e até mesmo propõem ações com vistas a colocá-lo no centro das atenções dos aniversariantes vitoriosos. Isso empolga e contagia o aniversariante que, frente a toda essa aparente declaração de amor, encontra forças para se levantar e gritar aos convidados: “– Vou dar a volta por cima e, com apoio, dedicação e carinho de todos, vou vencer.”

Como em um passe de mágica, a euforia toma conta de todos os convidados que, de mãos dadas, unidos pela mesma emoção, apagam de suas memórias tristes recordações, deixam de lado convicções e posições político-partidárias e, a uma só voz, bradam: “– O destino de nosso aniversariante está em nossas mãos e vamos lutar para que ele recupere a saúde, avance na educação, tenha lazer e, acima de tudo, prosperidade.” E, mais uma vez, juntos gritam em alto e bom tom: “– Parabéns, Piquete! Nós vamos fazer seu destino digno de todos os seus convidados. Pode contar com a gente.”